

Amor e paixão: algumas questões em aberto¹

Marilia Aisenstein,² Paris

Com base na análise de dois textos literários, a autora propõe-se a fazer a distinção entre amor e paixão. Considera que o último termo tende mais para o narcisismo, ao contrário do que ocorre com a relação objetal. Ela não somente se questiona sobre a diferença entre amor e paixão, mas também sobre a diferença entre homem e mulher e, conseqüentemente, se debruça sobre as identificações, o narcisismo, a bissexualidade psíquica e a qualidade do masoquismo erógeno primário. A autora conclui se detendo sobre o aspecto enigmático do amor, que também constitui um enigma para o psicanalista.

Palavras-chave: amor, paixão, identificação, bissexualidade, bissexualidade psíquica, narcisismo, masoquismo erógeno primário.

¹ Publicado anteriormente: Aisenstein, M. (1996). Sur l'amour et la passion. Quelques questions ouvertes. *Revue Française de Psychanalyse*, 60(3): 849-856.

² Psicanalista. Membro titular da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP).

Não há palavra que caracterize melhor a imprecisão da língua do que o amor. Em francês, sua classificação gramatical é estranhamente variável, pois *amour* muda de gênero quando empregado no singular ou no plural. Um *amour fou* ou um *fol amour* [amor louco, louco amor] se enuncia no masculino, mas, no plural, dir-se-á *amours folles*, no feminino. Da mesma forma, um único *premier amour* [primeiro amor] passa para o feminino no plural, tornando-se *premières amours*. Fala-se de *amours furtives* [furtivos], *stagnantes* [estagnantes] (feminino, plural). *Amours actuelles*, no feminino, plural, ou amores atuais, sendo múltiplos, podem facilmente ser considerados como *portadores* de morte. Tal enigma linguístico só reforça a ambiguidade semântica do vocábulo. O termo pode generalizar-se, tornando-se sinônimo de gosto ou inclinação, ou significar sentimentos que vão da simples inclinação aos afetos mais violentos, mas pode também se restringir apenas a uma atração sensual ou à relação sexual. Nesta última acepção, ele é concretizado tornando-se complemento de um verbo. Fazer amor corresponde a um ato, embora seja sempre também um ato psíquico. Para o romancista, o poeta, o compositor, falar de amor em sentido amplo é tarefa ordinária; já para os psicanalistas, isso é menos comum.

Constantemente presentes na vida psíquica de todos nós, o amor e a morte, contudo, não são categorias metapsicológicas tais como a pulsão, o afeto e a libido. Como sugerem os autores do argumento, talvez seja pelo fato de que a origem, os movimentos, as metas da sexualidade, elementos que constituem o pão de cada dia do trabalho psicanalítico, são pretensamente conhecidos, enquanto os do amor permanecem mais misteriosos. Cabe perguntar, em primeiro lugar, se o conhecimento psicanalítico nos autoriza especificamente a discorrer sobre uma noção irreduzível à sexualidade, como também, aliás, à sublimação.

Em se tratando desse tema, prefiro passar a palavra à criação literária, buscando apenas estabelecer algumas *pequenas diferenças*. Minha escolha está ligada à lembrança de uma crítica que me foi feita, certo dia, a respeito do uso do termo *paixão*. O comentário, publicado na revista laciana *La cause freudienne* (1994), referia-se a uma fala durante a Jornada da *Revue française de psychanalyse: Devenir psychanalyste*. Nessa ocasião, falei sobre *a paixão pelo funcionamento mental, a paixão por esse impossível ofício* ou mesmo, talvez, simplesmente *a paixão do psicanalista*.

Ainda hoje não renego tais frases, mas, mesmo que a acusação de confundir desejo e paixão pareça pouco justificada, ela me fez questionar sobre a colagem de uma palavra que, a meu ver, implica mais sensualidade do que amor, a um segundo termo que, ao contrário, contém mais a ideia de dessexualização. A

questão era o status da sublimação em matéria de exercício da psicanálise. Curioso destino de uma inibição das metas da pulsão cuja vocação última é desemboscar o sexual, chamar de volta o sensual dissimulado pelo recalcado, até mesmo pelo muito bem sublimado. Como qualificar melhor, em geral, essa mutação paradoxal da libido que consiste em nos fazer buscar, mediante a transferência, o que se poderia chamar de *ressexualização de urgência*. Aliás, essa singular contradição não estaria enraizada em toda forma de amor humano, que, para perdurar, exige também momentos passionais? A meu ver, aquilo que o amor e a paixão possuem de antitético (explicarei isso comentando um texto literário usado aqui como documento clínico), torna-os também indissociáveis.

Relato de uma paixão

Do gênero feminino – talvez também na essência –, a paixão é, para os filósofos, antônimo de ação. Uma acepção mais restritiva faz dela um rompimento do equilíbrio de todas as aspirações, canalizando obcecadamente a energia para um mesmo objeto. É desta última acepção da paixão que trata o breve romance de Annie Ernaux intitulado *Passion simple* (1991). Escritas em primeira pessoa e reveladas no *après-coup* da construção de um texto, são 70 páginas de um estilo magnificamente conciso e preciso que relatam essa aventura.

Uma mulher, uma mulher de bem, escritora, professora, mãe, apaixonada-se:

Desde setembro do ano passado, não fiz mais nada além de esperar um homem, seu telefonema e sua visita. Eu ia ao supermercado, ao cinema, à lavanderia, lia, corrigia redações, agia exatamente como antes, mas, não fosse um longo hábito desses atos, isso só seria possível à custa de um esforço terrível. Era principalmente quando eu falava que a impressão era de fazê-lo de forma automática. As palavras e as frases, e até mesmo o riso, se formavam na minha boca sem uma real participação da minha reflexão ou da minha vontade. Aliás, guardo apenas vaga lembrança das atividades que realizei, dos filmes que vi, das pessoas que conheci. Toda a minha conduta era artificial. As únicas ações que mobilizavam a minha vontade, o meu desejo e algo que devia ser a inteligência humana (prever, avaliar os prós e os contras, as consequências) tinham, todas elas, uma relação com esse homem [...]³ (p. 13-14).

³ N.T.: Tradução livre deste e dos demais fragmentos desta obra.

Curtas, quase secas, as frases encadeiam-se sem qualquer preocupação com uma veia metafórica. O talento da autora consiste em adaptar a forma da narrativa a uma exposição que é mais da ordem da apresentação do que da narrativa romanceada. Para descrever a paixão, a escrita se torna apaixonada.

[...] Nas conversas, os únicos assuntos que ultrapassavam a minha indiferença estavam relacionados com esse homem... Assim, ler em *Vie et destin*, de Grossman, que “quando amamos fechamos os olhos para beijar” fazia imaginar que A. me amava, pois era assim que ele me beijava. O resto do livro voltava a ser para mim, em seguida, um meio de gastar o tempo entre dois encontros (p. 15).

[...] Não me restava senão esperar o próximo telefonema para marcar um encontro. Eu tentava sair o mínimo possível fora das minhas obrigações profissionais – ele conhecia os meus horários –, temendo sempre perder uma ligação durante minha ausência. Evitava também usar o aspirador ou o secador, que me impediriam de ouvir o telefone. O toque do telefone me enchia de esperança durante o breve tempo de pegar lentamente o aparelho e dizer alô [...] (p. 16).

Desde o início, a dimensão auditiva é acentuada. A heroína escuta, e sua espera é povoada de ruídos; o visual, característico da alucinação do desejo e da fantasia, parece pouco privilegiado.

[...] Um intervalo de tempo delimitado por dois roncões de carro – o seu Renault 25 freando e arrancando novamente – em que eu tinha certeza de não ter existido nada mais importante na vida, nem ter filhos, nem passar em concursos, nem viagens longas, além de estar na cama com esse homem no meio da tarde [...] (p. 19).

O achatamento do tempo e o colapso do relógio interno são brilhantemente mostrados pela autora. A paixão, assim como a dor física, é anistórica. Ela luta até mesmo contra a criação de uma história, contra a mobilização de uma memória.

[...] Quando ia à cozinha buscar gelo, eu olhava para o relógio pendurado acima da porta: “mais duas horas”, “uma hora” ou “daqui uma hora, estarei aqui e ele terá ido embora”. Eu me perguntava, espantada: “Onde está o presente?” (p. 19-20).

Quanto mais o leitor avança no texto, mais lhe espanta a repetitividade, a fixidez de cenas imprecisas, essencialmente cruas e sexuais. Embarcada no metrô, a personagem repete incansavelmente as palavras de um pedido de felação, a ponto de esquecer para onde ia. Essa mulher luta ativamente contra tudo o que poderia distraí-la de sua obsessão, como se qualquer enriquecimento da vida fantasística contivesse um perigo. Não escuta mais música clássica, só lê o horóscopo e escolhe certos filmes antigos já vistos, como *O império dos sentidos*. Ela é tomada pela espera, não de um homem, mas de uma encenação ou de uma atuação, constantemente a mesma. O homem não tem rosto; ela não conhece nada a respeito dele. Não tenta imaginá-lo absolutamente fora dela. Achei notável a sutileza clínica e a autenticidade dessa descrição do estado passional, que mostra como tudo é feito contra a encarnação do objeto. Este é atacado em seu domínio, não deve estar vivo. A sonoridade da excitação pura é privilegiada; observa-se o recurso constante à audição, em detrimento de uma visão imaginária e de figurações que contenham e sustentem o desejo. De maneira paradoxal, mesmo o sensual passa para o lado da desobjetalização e do desligamento pulsional.

Um homem escritor e psiquiatra, Alain Gérard (1995), empunhou a caneta para completar o romance de Annie Ernaux. Tomando o lugar de A., o estrangeiro do livro, ele decide responder através de uma longa carta em que expressa apaixonadamente não só o seu desejo, mas também o seu amor.

O título é *Madame c'est à vous que j'écris*⁴ (1995), e o autor prossegue:

Descobri o seu livro há algumas semanas [...]. Uma ferida profunda me privou do sono nas noites subsequentes a essa leitura [...] (p. 7).

A respeito da espera, na qual ele sabe investir e dar o tom de um masoquismo suficientemente eficaz, o autor diz:

Eu também pude gozar dessa espera, apoiado no momento, mas não somente esperar [...]. Por quem você esperava então? Por mim? Por outro? [...]. Então não era por mim que você esperava desde aqueles dias de outono em que nos conhecemos. Não sou esse homem desalmado, sem palavras, sem sonhos com você, palpável, mas inaudível, esse homem tão próximo, mas virtual [...]. Se fui apenas isso para você, saiba ao menos que a discrição, a distância, a leveza da minha presença e a minha pouca exigência estavam menos ligadas à minha pessoa do que à situação imposta por você [...]. Assim, em seu livro,

⁴ N.T.: *Senhora, é a vós que eu escrevo*. Tradução livre do título e demais fragmentos desta obra.

ao ir ao seu encontro, eu não pensava, não imaginava nada. Era um homem sem expectativa, sem esperança, uma espécie de mamífero erétil [...] (p. 16).

Ele se insurge contra a imagem do homem inexistente, inanimado, com a qual se depara. Em seu protesto, mostra-se capaz de encarnar a linguagem. A escrita adquire uma grande força evocadora.

[...] O seu relato me destrói, glorifica um homem inexistente, que se torna vivo apenas em sua espera por ele [...]. Sobre o prazer, você não diz nada. Ausente no mundo, sem comedimento, você se confiou até os limites do aniquilamento, você se entregou sem sofrimento, a não ser por interromper [...]. Atravessamos brevemente e com frequência o inacessível; por que calá-lo? Por que esquecer a realidade, essa sucessão de instantes que eu acreditava ser precária e que já constituía uma vida? [...]. Você omite o próprio corpo daquele por quem espera, sua força interior enorme, violenta, acumulada ao longo das horas que antecederiam nossos encontros, a sensualidade surda, profunda, progressiva, até o momento do encontro (p. 16).

Ele lhe fala do corpo e de seu desejo, mas isso já é uma história; para evocar a impaciência, a vontade, ele sabe usar o imperfeito:

Eu tocava em seus rins, eu estava em você. Parecia-me que, entre o sexo e as minhas mãos em suas ancas, não existia espaço ínfimo e denso. O jogo terminava, e você voltava a ser mulher. Eu havia sonhado com suas pernas abertas, eu as havia desvelado, desnudado. Você era bela como vítima triunfante. Nem vergonha, nem humilhação em seu olhar, somente uma suavidade estranha. Corpo confiante e mulher flexível, entregue a você mesma e a mim, infinitamente relaxado, entregue, canto de ausência, expectativa, umidade de porcelana, reflexos âmbar, enclave da floresta, pernas deixadas descobertas, entrega elevada, Nossa Senhora do prazer (p. 23).

O entrelaçamento dessas duas escritas pareceu-me interessante para ilustrar as línguas antitéticas da paixão e do amor. Condensada, austera, a primeira língua se insere numa atualidade ardente; a segunda evolui em circunvoluções de uma narrativa que envolve a temporalidade. A oposição sugerida por Alain Gérard entre uma paixão feminina e o amor de um homem, para quem “a paixão nunca é simples” (p. 25), é questionável, apesar da afirmação parecer leve. No entanto, o

exemplo extremo da erotomania, mais rara no homem, parece propiciar alguma veracidade a essa alegação. Além disso, não podemos esquecer que Freud falou da elasticidade do Supereu da mulher que, na bela expressão de Catherine Parat, “é solúvel no amor” (comunicação verbal). Mas dever-se-ia dizer no amor ou na paixão? Devemos nos perguntar, antes, se o amor na mulher tende mais facilmente para o lado da passionalidade. Mas, por que seria assim? O status do masoquismo erógeno e da elaboração muito primitiva de satisfações pulsionais passivas entra em jogo neste caso. A organização do narcisismo também é diferente na mulher, sendo mais sensível à segurança reforçada fornecida pelo investimento do objeto, enquanto aquela que constitui a via sublimatória é menos sólida. Inclino-me a concordar com Catherine Parat (1973), que relaciona essa divergência à angústia de castração reativada no homem pelo encontro amoroso, ao passo que, na mulher, o ideal do Eu projetado sobre o parceiro tende a entrar em conluio com o Supereu, cuja formação é complexa. O Supereu da menina tem uma origem paterna, e o modelo de identificação moral é, ao mesmo tempo, sempre o de um homem, objeto libidinal a seduzir. Contudo, antes da elaboração da segunda tópica, surge a questão do duplo redirecionamento da pulsão. A paixão que move a heroína de Annie Ernaux é uma antipaixão, apenas ação. Caracteriza-se pela recusa ou mesmo pela impossibilidade da paixão dos filósofos, para quem paixão se origina do verbo *padeecer*. “O Eu é submetido à pulsão como o psiquismo ao corporal” (p. 165), diz André Green (1990) em *Paixões e suas vicissitudes*; o apaixonado deixa de ser agente para se tornar paciente da própria paixão.

Nos dois sexos, o amor e o estado passional implicam uma aptidão à regressão e à passividade relativa à organização da bissexualidade. Parece paradoxal, então, a constatação de uma maior frequência desses momentos de paixão *ativa* na mulher, a menos que se relacione tal ocorrência com o triunfo do ideal do Eu sobre o Supereu protetor na longevidade. A questão da temporalidade parece, aqui, passível de ser articulada. A paixão é atual, instantânea; por sua vez o amor se pensa inserido em processo e na história. A espera pode ser investida de maneira muito diferente, como sutilmente mostram os dois autores que mencionei.

A exibição dolorosa de uma espera ativamente contrainvestida não revelaria falhas na constituição do masoquismo erógeno primário iniciador de ligação? Nessas passagens necessárias do amor à paixão, não se assistiria a ligações brutais das duas pulsões? Narcisismo primitivo e masoquismo erógeno primário são dois conceitos metapsicológicos difíceis de discernir; entretanto, na clínica indiferenciada, costumeiramente observa-se, após uma enfermidade física, reorganizações narcísicas posteriores de melhor qualidade na mulher, as quais se inserem no prolongamento da diferença anatômica entre os sexos. O gozo das

mulheres é mais difuso, e podemos imaginar que a grande proximidade somática das zonas erógenas da vagina e do orifício anal não seja alheia a esta questão. A mesma proximidade não induziria uma maior disponibilidade para investir narcisicamente o corpo inteiro, inclusive as feridas ou as marcas da doença e da castração? Essa qualidade do narcisismo secundário viria a compensar as deficiências do supereu protetor, mas isso seria suficiente para explicar a luta que, às vezes, se constata contra a passividade em meio aos momentos passionais? Poderia ser um conflito entre o Supereu e o ideal do Eu feminino.

Sinto-me dividida em relação ao seguinte ponto: deveria ser realizado um estudo metapsicológico refinado que permitisse discriminar melhor as vicissitudes do amor e da paixão no homem e na mulher?

Não seria pedantismo extremo falar de amor usando o vocabulário da psicanálise? O próprio Freud (1914), ao se interrogar sobre o amor, cita um poema de Henri Heine. De onde vem, na verdade, essa necessidade humana de sair das fronteiras do narcisismo para depositar a libido em objetos externos? É preciso amar para não adoecer, e há quem fique doente quando se recusa a amar. Em 1914, a resposta mostra a correlação quantitativa do peso dos investimentos sobre o Eu. Após a guinada de 1920, essa exigência torna-se interna ao segundo dualismo, uma vez que o objeto investido pelas duas pulsões aparece como sendo o lugar em que se dá a ligação de Eros com a pulsão de morte. Feminina ou masculina, a textura do amor e da paixão se originaria tanto no corporal e em suas particularidades quanto na meta objetual; a busca do objeto permaneceria mais específica na mulher, cuja organização precária do Supereu protegeria menos o objeto contra o descontrole da destrutividade. Da mesma maneira, poder-se-ia paradoxalmente pensar que a recusa da passividade está correlacionada à fragilidade da identificação viril com o pai. Quanto mais conveniente for esta, melhor parece ser aceita a passividade. Aqui, feminino e masculino se encontram.

Para não terminar um texto sobre o amor com referências a fantasias originárias, identificações e pulsões, e, por fim, para concluir essas questões deixadas em aberto acerca do amor e da paixão no homem e na mulher, abro espaço para algumas estrofes:

*[...] Le peintre qui premier fit d'amour le tableau,
Et premier le peignit plumeux comme un oiseau,
Cognut bien sa nature en lui baillant des ailes,
Non pour être inconstant, léger ni vicieux,
Mais comme nay du ciel, pour retourner au cieux,
Et montrer au séjour les choses des plus belles.*

*La matière de l'homme est pesante et ne peut
Suivre l'esprit en haut lorsque l'esprit le veut.
Si amour, la purgeant de sa flamme étrangère,
N'affine un mortel. Voilà, Dame, pourquoi
Je reconnais par raison qui n'aimez tant que nous
Si vous aimiez autant, vous seriez plus légère.
Entre les dieux au Ciel mon corps s'irait asseoir,
Si vous suiviez mon vol quand nous battons au soir
Flanc à flanc, main à main, imitant l'androgyme,
Tous deux dansant la volte, ainsi que les jumeaux,
Prendrions place au séjour des astres les plus beaux,
Et serions dits d'Amour à jamais le beau signe.⁵
(Les vers d'Érymedon et de Callisée, Ronsard, 1952)*

Alívio da carga sobre o Eu, sobre o próprio corpo, ou direcionada para o objeto? O desvio da pulsão de morte aparece na metáfora do alçar voo. Naquela outra do andrógino, dissimula-se a ficção platônica da afirmação de uma dessemelhança e de uma distância fundadoras dessa força obscura que, subitamente, faz com que um homem ou uma mulher diga: “Amo você”. Qual outro poeta além de Ronsard (1552), eterno apaixonado, sabe pôr em palavras esse estado estranho que ritma, em uma vida, dores e alegrias? □

Abstract

About love and passion: some opened questions

Based on the analysis of two literary texts the author proposes to make the distinction between love and passion. She considers the latter is more tending towards narcissism contrary to the object relationship. She not only poses the question of the difference between love and passion but also the difference between man and woman and consequently identifications, narcissism, psychic bisexuality

⁵ N.T.: Tradução livre do poema: [...] O pintor, que foi o primeiro a fazer do amor um quadro,/ O primeiro a pintá-lo com plumas como um pássaro,/ Conheceu bem sua natureza dando-lhe asas,/ Não por ser inconstante, leve ou vicioso,/ Mas, como nascido do céu para retornar aos céus,/ E mostrar em sua estada as mais belas coisas./ A matéria do homem pesa e não pode/ Seguir o espírito no alto quando o espírito o deseja./ Se o amor, purgando-a de sua chama estrangeira,/ não tornar mais leve um mortal. Eis por que, senhora,/ Conheço pela razão quem não ama tanto quanto nós/ Se vós amasseis assim, vós seríeis mais leve./ Entre os deuses no Céu meu corpo tomaria assento,/ Se vós seguisseis meu voo quando nos agitamos à noite/ Lado a lado, de mãos dadas, imitando o andrógino,/ Ambos em volteios, como gêmeos./ Tomaríamos lugar junto aos mais belos astros,/ E seríamos para sempre tidos como o belo sinal do Amor.

and the quality of primary erotogenous masochism. She concludes on the enigmatic aspect of love, enigmatic even for the psychoanalyst.

Keywords: love, passion, identification, bisexuality, psychic bisexuality, narcissism, erotogenous primary masochism.

Resumen

Amor y pasión: algunos puntos no aclarados

Partiendo del análisis de dos textos literarios, la autora se propone hacer la distinción entre amor y pasión. Considera que el último término tiende más hacia el narcisismo, al contrario de lo que ocurre con la relación de objeto. No solo se cuestiona sobre la diferencia entre amor y pasión, sino también sobre la diferencia entre hombre y mujer y, en consecuencia, aborda detenidamente las identificaciones, el narcisismo, la bisexualidad psíquica y la cualidad del masoquismo erógeno primario. La autora concluye deteniéndose en el aspecto enigmático del amor, que también constituye un enigma para el psicoanalista.

Palabras clave: amor, pasión, identificación, bisexualidad, bisexualidad psíquica, narcisismo, masoquismo erógeno primario.

Referências

- Ernaux, A. (1991). *Passion simple*. Paris : Gallimard.
- Freud, S. (1914). Pour introduire le narcissisme. In *La vie sexuelle*. Paris, PUF, 1969. [Introdução ao narcisismo. *Obras Completas*. Companhia das Letras, vol. 12, p. 177].
- Gérard, A. (1995). *Madame c'est à vous que j'écris*. Paris : Albin Michel.
- Green, A. (1980). Passion et destin des passions. In *La Folie Privée*. Paris : Gallimard, 1990.
- Green, A. (1990). *La folie privée*. Paris : Gallimard.
- La Cause freudienne. Nouvelle Revue de Psychanalyse*. L'École de la Cause freudienne. Maio de 1994, n. 27.
- Parat, C. (1973). Contribution au rapport de J. Chasseguet-Smirgel, In *Revue française de psychanalyse*, n. 5/6.
- Ronsard, P. de (1552). Les vers d'Érymedon et de Callisée. In *Les Amours*. Paris : Gallimard, 1980.

Recebido em 26/06/17
Aceito em 16/08/17

Tradução de **Vanise Dresch**
Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

Marilia Aisenstein
72, Rue D'Assas
75006 Paris – France
e-mail: marilia.aisenstein@gmail.com

© *Marilia Aisenstein*
Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA